

## Uma breve análise crítica ao teísmo aberto

João Geraldo de Mattos Neto  
Curso de Especialização  
Guarapuava - PR

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas idéias centrais a respeito do Teísmo Aberto a partir do movimento recentemente levantado nos Estados Unidos. A partir disso, procura contrapor essas idéias com uma avaliação crítica a partir de homens como Agostinho, Lutero e Calvino.

**Palavras-chave:** Teísmo aberto. Imutabilidade. Auto limitação divina. Teologia relacional.

**Abstract:** This essay presents some central ideas regarding Open Theism on the basis of the movement recently raised in the United States. Therefore, it attempts to oppose these ideas with a critique assessment drawing on men such as Augustine, Luther and Calvin.

**Key words:** Open theism. Immutability. Divine self-limitation. Relational theology.

### Introdução

O presente trabalho aborda uma questão teológica recentemente levantada nos Estados Unidos e que começa a aparecer nos círculos teológicos brasileiros. Trata-se do chamado Teísmo Aberto que tem procurado abordar a teontologia<sup>1</sup> de forma diferente de como tem sido feito historicamente.

O Teísmo Aberto é um movimento que toma corpo, hoje, no evangelicalismo norte-americano e também é conhecido em outros círculos como Teísmo da Vontade Livre (*Freewill Theism*), Teologia Aberta (*Open Theology*), Abertura de Deus (*Openness of God*), Neoteísmo (*Neotheism*) ou ainda Teologia Relacional (*Relational Theology*). Esses nomes referem-se ao fato de que o próprio Deus estaria aberto a novas experiências, inclusive a experiência de aprender sobre os eventos da história à medida que estes

---

<sup>1</sup> A Bíblia não tenta provar a existência de Deus. Parte do pressuposto de que ele existe. Ela também ensina que Deus pode ser conhecido. Há três pressupostos básicos no estudo teológico: Deus existe, Deus pode ser conhecido e Deus tem se revelado. O conhecimento de quem é esse Deus que existe, pode ser conhecido e se revelou é o assunto da disciplina de Teontologia.

manifestam-se progressivamente. O Teísmo Aberto nasceu formalmente com o lançamento do livro *The Openness of God* (A Abertura de Deus), publicado pela editora InterVarsity Press em 1994. A intenção básica, no ensino dos neoteístas, foi rever o conceito clássico a respeito de Deus, utilizando-se de textos da Escritura para se questionar o entendimento tradicional do Ser de Deus. Alguns dos influentes pensadores do crescente movimento são: Clark Pinnock que em 1989 foi o editor responsável pelo lançamento do livro que apresentou as bases teológico-filosóficas para aquilo que posteriormente seria conhecido como Teísmo Aberto, *The Grace of God, the Will of Man: A Case for arminianism*<sup>2</sup> (A Graça de Deus e a vontade humana: Um caso do arminianismo); Clark H. Pinnock, Richard Rice, John Sanders, William Hasker e David Basinger lançaram o livro que foi o apogeu de tal movimento, *The openness of God: A Biblical challenge to the traditional understanding of God* (A Abertura de Deus: Um desafio bíblico para o entendimento tradicional a respeito de Deus). A linha de frente desse movimento encontra sua grande expressão através dos articuladores Clark Pinnock, Gregory A. Boyd e John Sanders, entre outros. Dentre outras coisas, os neoteístas acusam o ensino do teísmo clássico de ter boa parte de sua teologia, sob os auspícios do grande teólogo Agostinho, regida pelo pensamento filosófico de Platão. O problema é se esse pensamento agostiniano é toda ou até mesmo boa parte do cristianismo clássico. Uma indagação a ser estudada é se essa suposta influência do grande pensador da Idade Média refletiu-se em grande medida o sobre o reformador João Calvino. Calvino, que também é um marco influenciador na teologia clássica, teria ou não alimentado a sua teologia a partir de Agostinho sem critérios suficientes para peneirar um possível influxo filosófico contrário à epistemologia cristã. Até aqui o que se busca estudar é se, de fato, o cristianismo precisa ser liberto das garras da filosofia platônica ou até mesmo aristotélica.

Interessante notar que o próprio Martinho Lutero não escapa da bateria de denúncias feitas pelos teístas abertos de que este estaria preso ao direcionamento feito pelo pensamento filosófico grego. Uma outra importante questão a ser estudada é se a fonte ou fontes que geraram o pensamento do cristianismo clássico são advindas da filosofia grega ou das Escrituras do Antigo Testamento. Esses são apenas alguns problemas que este estudo objetiva responder.

### **Uma breve análise crítica ao teísmo aberto**

Importante notar a importância que a cultura tem para o bom desenvolvimento da manifestação plena do ser humano como tal. Calvino, quando comenta esta realidade diz “ [...] quão sumamente merecedoras de

---

<sup>2</sup> PINNOCK, C. H. *The grace of God, the will of man: a case for arminianism*, Grand Rapids: Zondervan, 1985.

honras são as *ciências liberais, as quais refinam o homem* de tal forma que o fazem verdadeiramente humano!”<sup>3</sup>

Ainda, em outro lugar, “[...] é evidente que *Paulo não condena sumariamente*, seja o discernimento dos homens, seja a sabedoria granjeada pela prática e experiência, seja *o aprimoramento da mente através da cultura*.”<sup>4</sup> Sendo assim, a cultura exerce papel importantíssimo para o bom desenvolvimento da humanidade, de toda humanidade.

Ronald Wallace comentando sobre a importância da cultura em Calvino relata,

Ele desejava que a vida de Genebra pudesse permanecer sempre *aberta à corrente vitalizadora da cultura humana* que havia fluído em Atenas e Roma e que havia produzido o que ele conhecia de melhor no mundo, fora o próprio Cristo.<sup>5</sup>

Percebe-se que Calvino estava aberto à influência da cultura filosófica advinda de Atenas e Roma. Interessante notar ainda que para Calvino, aquilo que é ensinado pelos filósofos “[...] nem apenas *agradáveis de conhecer-se*, como também *serem proveitosas* e por eles habilidosamente coligidas, *nem tampouco de seu estudo proíbo* aqueles que estão desejosos de aprender.”<sup>6</sup> Note-se como o Reformador do século XVI é abertamente um incentivador de que todos, cristãos ou não, devem se apropriar daquilo que a cultura apresenta de valoroso, seja por intermédio da filosofia ou outros meios. Calvino incentiva àqueles que foram chamados por Deus a descortinarem as realidades filosóficas existentes.

O que o presente trabalho visa esclarecer não é a condenação de Calvino ou quem quer que seja ao uso da filosofia, mas é fazê-lo de forma que contradiga as únicas respostas possíveis à necessidade metafísica existente.<sup>7</sup>

Note-se, agora, a influência de Agostinho em Calvino. Calvino tinha tanto respeito por Agostinho que em muitas questões ele crê que está apenas restaurando o ensino de Agostinho. E mais, bastava apenas o testemunho de Agostinho em determinada questão que isto era suficiente para contrabalançar a posição de todos os pais da igreja.<sup>8</sup> Na área exegetica Calvino seguia Crisóstomo.

---

<sup>3</sup> CALVINO J. *1 Coríntios*, São Paulo: Paráclitos, 1996, p. 61, *grifo meu*.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 61. (*grifo meu*)

<sup>5</sup> WALLACE R. *Calvino, Genebra e a Reforma: Um estudo sobre Calvino como um Reformador Social, Clérigo, Pastor e Teólogo*, Cultura Cristã, 2003, p. 91. (*grifo meu*).

<sup>6</sup> CALVINO J. *As Institutas*, São Paulo: CEP, vol. I, 1985, p. 209. (*grifo meu*).

<sup>7</sup> Para o leitor entender as duas únicas respostas possíveis à necessidade metafísica humana, e seus desdobramentos ver SCHAEFFER F., *O Deus que se Revela: Contra o silêncio e desespero do homem moderno*, podemos de fato conhecer o Deus que intervém, São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

<sup>8</sup> Em relação ao respeito de Calvino por Agostinho ver a excelente obra de W. N. TODD, *The Function of the Patristic Writings in the Thought of John Calvin*, New York: Union Theological Seminary ThD thesis, 1964, p. 183-188.

Lane a este respeito diz, “Aqui está Crisóstomo que era o herói de Calvino, no mínimo, no Novo Testamento. A exegese de Agostinho é severamente criticada”,<sup>9</sup> e ainda, “Crisóstomo é o pai grego favorito, especialmente no que diz respeito à exegese do Novo Testamento”.<sup>10</sup>

Dada a importância de Agostinho para Calvino, justifica-se observar a influência deste pré-reformador para o reformador genebrino.

Agostinho demonstra influência platônica de diversas maneiras. Quando escreve sua portentosa obra *A Trindade* fala a respeito do sumo Bem<sup>11</sup> identificando-o à divindade, exatamente pelo fato de que o mal, para Agostinho, é a ausência do bem. Logo, Deus, representado na *Trindade*, só pode ser exclusivamente bem, ou para utilizar suas palavras, Bem puro.<sup>12</sup> Nota-se a dificuldade para Agostinho de tratar da realidade de Deus e qual a relação existente com o mal.

Agostinho, que inicialmente era maniqueísta<sup>13</sup>, com o tempo não conseguiu obter as respostas que procurava e, uma delas, era exatamente a realidade do mal. Encontrou, pela influência filosófica que teve, uma saída para a existência do mal e de Deus. Deus é, então, o sumo bem, ou, bem puro.

A dualidade entre o bem e o mal são características fortes dos reflexos da filosofia platônica em Agostinho.

Agostinho foi profundamente afetado pelo neo-platonismo aprendendo de Plotino<sup>14</sup>, utilizando-se disso para interpretar as Escrituras. E mais, o próprio entendimento a respeito de alguns atributos de Deus é influenciado pela filosofia.<sup>15</sup>

Interessante notar como Agostinho tentou explicar a realidade da presença do mal e a existência de um Deus bom. A religião maniqueísta cria que a matéria é má ou no mínimo a origem do mal se encontra nela. Agostinho, aproveitou-se tanto das idéias maniqueístas quanto dos livros dos platônicos (neoplatonismo) para explicar seu conceito de Deus como criador, por meio da questão da união ontológica entre a existência do bem e o mal como a privação do bem,<sup>16</sup> ou, *privatio boni*.

<sup>9</sup> LANE A. N. S. *John Calvin: Student of the Church Fathers*, Grand Rapids, Mi: Baker Books, 1999, p. 27-30, 38-39, 41.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 27-30, 38-39, 41.

<sup>11</sup> AGOSTINHO S. *A Trindade*, São Paulo: Paulus, 2 edição, 1995, p. 266.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 266.

<sup>13</sup> OLSON R. *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Vida, 2001, p. 261.

<sup>14</sup> MONDIN B. *Curso de Filosofia*, São Paulo: Paulus, vol. 1, 8 edição, 1982, p.136.

<sup>15</sup> Sanders exagera em alguns pontos a respeito da influência filosófica nos grandes teólogos do passado, pois, por exemplo, confunde inamobilidade com imutabilidade. Entretanto, neste aspecto da influência filosófica, especialmente o platonismo, sobre Agostinho, ele está correto. Verificar os detalhes de sua argumentação em SANDERS J., *Historical Considerations*, p. 80.

<sup>16</sup> OLSON, *op. cit.*, p. 266.

Esta idéia de Agostinho da ausência do bem, no seu entendimento, explicava que não havia necessidade de mostrar a existência de duas forças no universo, ou seja, o dualismo, para explicar o mal. Contudo, fazendo assim, Agostinho despersonalizou a figura do maligno apresentada nas Escrituras Sagradas. E tudo isso, devido a sua influência filosófica platônica<sup>17</sup> da qual não conseguiu se desvencilhar.

Agostinho, para demonstrar como a ausência do bem se estabelecia na vida das pessoas, o fez por meio do livre-arbítrio, pois, o pecado é o emprego errôneo do que é bom. Assim, o que Agostinho fez foi transformar o mal única e exclusivamente no mau arbítrio. O mal então é o mau uso do livre arbítrio.<sup>18</sup>

Agostinho, um dos maiores pais da Igreja<sup>19</sup>, que serviu de fonte para o grande reformador João Calvino, acabou, mesmo sem intenção, por elaborar um sistema filosófico completo, estruturando as doutrinas sobre uma base racional, mas marcada pelo platonismo.<sup>20</sup>

Outra influência clara do platonismo em Agostinho é a respeito da imortalidade da alma. Ele busca provar esta realidade por meio de argumentos platônicos da relação da alma com as idéias.<sup>21</sup>

A pergunta que fica agora é se esse influxo filosófico platônico de Agostinho permeou grande parte da teologia de Calvino, dada a importância desse grande pensador para o reformador genebrino.

## 1. Independência filosófica de Calvino

Quanto à influência platônica em Agostinho não se questiona. Entretanto, acusar Calvino de ser influenciado pelo pensamento platônico em Agostinho, é no mínimo, considerar o reformador genebrino como incapaz de peneirar essa realidade nos escritos de Agostinho. Lopes, ressaltando um fruto negativo da chamada *Nova Perspectiva*<sup>22</sup> comenta: “Provavelmente Stehdhal exagerou quanto à influência da interpretação de Agostinho e de Lutero, como se os demais estudiosos de outras épocas não tivessem

---

<sup>17</sup> LOPES A. N. *A Bíblia e seus intérpretes*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 147.

<sup>18</sup> OLSON, *op. cit.*, p. 267.

<sup>19</sup> Vale lembrar que não me refiro aos padres da Igreja. Usar a expressão *padres* ao invés de *pais* seria incorrer em um anacronismo terminológico tendo em vista que a Igreja Católica Romana só passou a ser assim chamada somente após a Reforma Protestante do Século XVI.

<sup>20</sup> MONDIN, *op. cit.*, p.137.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.147.

<sup>22</sup> A *Nova Perspectiva* é uma nova abordagem que alguns teólogos propõem sobre o judaísmo e Paulo. Entre eles destacam-se Krister Stehdhal, *Paul Among Jews and Gentiles*, Werner Kümmel, *Römer 7 und das Bild des Menschen in Neuen Testament: Zwei Studien*. In: *Theologische Bucherei*, vol. 53, Kaiser, 1974, Sanders, *Paulo, a lei e o povo judeu*, São Paulo: Paulus, 1990, James Dunn, *The New Perspective on Paul e Paul and the Mosaic Law*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

a capacidade e o poder de livrar-se do paradigma deles.”<sup>23</sup> Esse é o ponto em questão. Calvino tinha ou não capacidade para livrar-se da influência filosófica dos grandes nomes da teologia anteriores a ele? É claro que sim. E isso é possível perceber, como segue.

### **1.1 O Equívoco aristoteliano na cosmologia bíblica**

Um dos exemplos que marcam a independência filosófica de Calvino é a sua rejeição quanto à influência aristotélica na cosmologia bíblica. Hooykaas chega a comentar a esse respeito que

Era de se esperar, portanto, que Calvino acompanhasse a prática comum de descobrir na Escritura a cosmologia grega. No entanto, muito ao contrário, reconheceu, *com maior clareza que seus contemporâneos*, que havia uma discrepância entre a *astronomia aristotélica* de sua época e a visão do mundo do Livro do Gênesis.<sup>24</sup>

Calvino percebe com clareza incomum o equívoco aristoteliano tentando sobrepor o texto bíblico. O reformador teve como mérito, comenta Hooykaas, “[...] que, embora reconhecendo a discrepância entre o texto bíblico e o sistema científico do universo em sua época, não tenha repudiado, em razão disso, as conclusões da pesquisa científica.”<sup>25</sup> Isso demonstra que Calvino conseguia aproveitar o que estava correto, e identificar e rejeitar as falácias filosóficas existentes em seu tempo, ao tentarem sobrepor-se aos textos das Escrituras.

### **1.2 A importância, limitada, dos pais da igreja**

Essa capacidade de perceber a influência filosófica tentando sobrepor-se aos pressupostos bíblicos é perceptível não apenas no equívoco aristoteliano na cosmologia bíblica, mas também, no pensamento de Agostinho.

A não ingenuidade de Calvino ao se utilizar de autores cristãos ou não<sup>26</sup>, pode bem ser exemplificada pelo uso que Calvino faz dos pais da igreja, dada a importância dos mesmos. Ao fazê-lo, o leitor atento deve levar em consideração que:

a) cita-os de memória, b) cita-os primariamente como oponentes e não autoridades, c) como exemplos a serem refutados, d) não está nem documentando nem declarando a sua influência, mas, apenas, citando

<sup>23</sup> LOPES, *Temas Teológicos do NT*, p. 17.

<sup>24</sup> HOOYKAAS R. *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, UnB, 1988, p. 152. (*grifo meu*). LANE, *John Calvin: Student of the Church Fathers*, p. 27-30, 38-39, 41

<sup>25</sup> HOOYKAAS, *op. cit.*, p. 156

<sup>26</sup> Calvino não despreza totalmente aquilo que vem de pessoas não regeneradas por acreditar em uma atividade do Espírito Santo, nessas pessoas, que não seja a regeneração. Para uma exposição do pensamento de Calvino a respeito das ações não regenerativas do Espírito Santo na vida dos incrédulos ver GERALDO J. *Graça Comum em Calvino: Um Estudo Introdutório*, Maringá: CESUMAR, 2006. Ver também GEORGE T, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 242-249.

autoridades, e, e) é necessário levar em consideração a diferença metodológica acadêmica existente.

O respeito que Calvino tinha pelos pais da igreja era grande, mas não incondicional, tendo em vista que estes deveriam estar subordinados ao ensino da palavra de Deus. Calvino tinha tanto respeito por Agostinho<sup>27</sup> que em muitas questões ele crê que está apenas restaurando o seu ensino.

E mais, “Crisóstomo é o pai grego favorito, especialmente no que diz respeito a exegese do Novo Testamento.”<sup>28</sup> Calvino reconhece, ainda, como conjecturas<sup>29</sup>, a atribuição que Agostinho dá à introdução da água benta no rito batismal, ao colegiado apostólico dos tempos de Jesus. Percebe-se assim, que a leitura que Calvino fez de Agostinho não foi destituída de discernimento quanto aos erros teológicos-filosóficos desse último.

E quanto aos Concílios, os mesmos podem errar, como também Agostinho errou várias vezes. De acordo com Calvino, o Espírito Santo conduz essas coisas assim “[...]para que não confiemos excessivamente nos homens.”<sup>30</sup> Por isso, para Calvino deve-se examinar o espírito de todos “[...]segundo a regra da Divina Palavra, com que provemos se, porventura, sejam da parte de Deus.”<sup>31</sup> Logo, Calvino segue os Pais da Igreja e os concílios existentes até então, mas, não de maneira ingênua e não crítica. Calvino segue os concílios lembrando-se sempre da falibilidade dos mesmos.

## 2. Teísmo clássico: cristianismo ou filosofia?

A acusação feita por parte dos luteranos ao cristianismo clássico,<sup>32</sup> atualmente, tem sido delineada pelo Teísmo Aberto. A acusação básica dos teólogos da abertura de Deus é que o teísmo clássico tem levantado uma bandeira durante séculos expondo aquilo que se denomina de cristianismo, quando na verdade, é pura filosofia. Essa suposta influência da filosofia na teologia é a única coisa que os neoteístas e luteranos têm em comum. Os luteranos, de forma alguma, seguem os ensinamentos do Teísmo Aberto. E os neoteístas acusam até mesmo a Lutero, de não escapar dessa influência filosófica. Esses neoteístas defendem que o verdadeiro cristianismo precisa ser liberto das garras da filosofia esboçada pelos teístas clássicos.

Esse tipo de acusação demonstra uma grande falta de entendimento sobre o que é ensinado nos círculos da ortodoxia cristã, já que: “[...] embora tenha havido influência da filosofia grega *sobre alguns segmentos* da teologia

<sup>27</sup>Em relação ao respeito de Calvino por Agostinho ver a excelente obra de TODD, *The Function of the Patristic Writings in the Thought of John Calvin*, p. 183-188.

<sup>28</sup>LANE, *John Calvin: Student of the Church Fathers*, p. 27-30, 38-39, 41.

<sup>29</sup>CALVINO J. *As Institutas*, vol. IV, São Paulo: CEP, 1989, p. 181.

<sup>30</sup>*Ibidem*, p. 157.

<sup>31</sup>*Ibidem*, p. 159.

<sup>32</sup>Cristianismo clássico esboçado entre outros pelo reformador João Calvino.

cristã, na teologia reformada Deus *não é* o motor imóvel ensinado por Aristóteles, que não é afetado pelos nossos relacionamentos.”<sup>33</sup> e ainda:

Ao contrário do Teísmo Aberto, os reformados afirmam a imutabilidade de Deus, que tem a ver com a sua essência, o seu caráter e os seus planos, que não são alterados. Todavia, *essa imutabilidade não significa imobilidade*. [...] A doutrina da imutabilidade de Deus *não é governada* pelo pensamento da filosofia grega, mas por textos claramente afirmados na Escritura.<sup>34</sup>

Dá para notar que há uma diferença muito grande em se falar da influência da filosofia grega em alguns segmentos do pensamento cristão e se falar nessa influência em todos os segmentos do mesmo pensamento, tornando esse último fruto exclusivo do primeiro. Isso é um engodo filosófico.<sup>35</sup>

A crítica de Sanders está correta com relação à apropriação filosófica do teísmo clássico da impassibilidade divina, mas está errada quando Sanders fala que esta apropriação se deu também na imutabilidade, infinidade, eternidade...

Há críticas de Sanders que estão corretas. O seu problema é a generalização. O Antigo Testamento não estava sob a influência do pensamento filosófico grego, embora, haja aspectos certos que a filosofia falara corretamente.

Só para se ter uma idéia, seguem-se alguns dos problemas do método hermenêutico<sup>36</sup> dos neoteístas: a) revelando uma influência do helenismo, acabaram formando a idéia de eternidade em um Deus em que sempre houvesse unidade e uniformidade absoluta interpretando de forma arbitrária e inconsistente textos como Êxodo 3.14 e Apocalipse 1.4,<sup>37</sup> b) utilizam-se de uma interpretação literal da linguagem.<sup>38</sup> Historicamente, isso já demonstrou as suas deficiências, especialmente com os dispensacionalistas, c) utilizam 1 Jo. 4.8 como viés interpretativo, ignorando o fato de que Deus jura pela sua santidade e não pelo amor, d) priorizam passagem em textos narrativos, e) utilizam-se de forma abusiva da *analogia fidei*, e) colocam mais peso para o AT em detrimento do NT, f) em sua utilização absolutamente seletiva das Escrituras citam, por exemplo, Gn. 22.12, mas não citam, textos do mesmo livro e autor, como Gn 18.14 e 50.20.

<sup>33</sup> CAMPOS H. *O Teísmo Aberto: Um Ensaio Introdutório*, São Paulo: Fides Reformata, vol. IX, n° 2, 2004, p. 54. (*grifos meus*).

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 54. (*grifos meus*).

<sup>35</sup> Para ver mais sobre essa falácia filosófica ver OLSON R., *Has God Been Held Hostage by Philosophy?*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acessado em: 26/06/06.

<sup>36</sup> Para ver mais sobre as dificuldades hermenêuticas do *open theism* ver THOMAS R. L. *The Hermeneutics of "Open Theism"*, Disponível em: <<http://www.ondctrine.com>>. Acesso em 26/06/06.

<sup>37</sup> SANDERS J. *Historical Considerations*, in: PINNOCK C. H., *The Openness of God*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 69-72.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 89ss.



Assumido esse método hermenêutico, seguem-se algumas das implicações diretas para a ortodoxia cristã: a) a desconsideração da infalibilidade e inerrância das Escrituras, b) a negação da morte vicária e/ou substitutiva de Cristo, c) torna-se desnecessário o temor a Deus, tendo em vista que o mesmo não pune, d) a autolimitação<sup>39</sup> divina conduz o homem a uma vida de riscos. Não é só Deus que se arrisca pelo homem, mas o homem também se arrisca por Deus. Os neoteístas perguntam por que orar se Deus já sabe. Os teístas clássicos rebatem por que orar se Deus não sabe. Essa autolimitação divina torna Deus indigno de confiança, ou no máximo, uma confiança minada. Nesse caso, a oração torna-se desnecessária no sistema do teísmo aberto, levando em consideração, a ignorância e impotência de Deus quanto ao futuro. A consequência direta é que os neoteístas não têm como falar de escatologia, e) Nada é mais pela graça, mas pelas obras, f) não existe mais absolutos, g) com a perspectiva do neoteísmo, não há mais como evangelizar, g) Deus tem emoções e é governado por elas.<sup>40</sup> Deus é governado por sua mudança de humor, h) confundem promessas condicionais com as incondicionais,<sup>41</sup> i) sua hermenêutica é metafísica e não epistemológica. Essas são apenas algumas das dificuldades desse arminianismo levado às últimas consequências.

Lutero, em particular, trabalhou duro para, especialmente, livrar a teologia da influência de Aristóteles, como por exemplo, em sua teologia da cruz. Entretanto, ainda assim sofre a acusação por parte dos neoteístas de ser mais influenciado pela filosofia do que pelas Escrituras. A esse respeito, Alister McGrath<sup>42</sup> dá uma singular contribuição para demonstrar a falácia dessa acusação, conquanto, a pesquisa de John Sanders utilizada para sustentar tal acusação é baseada em literatura secundária.

Toda discussão de Sanders<sup>43</sup> sobre Lutero está baseada em apenas: a) 1 referência a Paul Althaus's *Theology of Martin Luter* (A Teologia de Martinho Lutero) (1963), que é uma referência secundária, b) uma referência para um trabalho geral na teologia da providência, c) uma simples citação da obra de 1525 *The Bondage of the Will* (A Escravidão da Vontade), d) faltam referências às disputas de Heidelberg, e) a excelente exposição das deficiências da Cristologia Nestoriana<sup>44</sup>, na qual as implicações da Encarnação e do sofrimento de Deus não são exploradas por Sanders, f)

---

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 72-79.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 72-75.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 72-75.

<sup>42</sup> McGrath A. E. *Whatever Happened to Luther?* Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/06.

<sup>43</sup> SANDERS, *op. cit.*, p. 87ss.

<sup>44</sup> O Nestorianismo é um movimento herético que ensinava que as duas naturezas de Cristo convivem lado a lado, quase como se fosse duas pessoas distintas. CAMPOS H., *A Pessoa de Cristo: As Duas Naturezas do Redentor*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 318.

falta de familiaridade acadêmica com Lutero e seu conhecimento filosófico-teológico. É absolutamente lamentável a parca utilização dos escritos dos reformadores para sustentar a acusação de que o teísmo clássico está debaixo do domínio da filosofia.

Michael Horton, também, alerta para o fato de que Harnack já argumentava que o teísmo tradicional representou uma cosmovisão estática estóica.<sup>45</sup> Os socinianos e posteriormente, Adolf von Harnack já afirmavam que toda doutrina seria metafísica, preferencialmente que bíblica.<sup>46</sup>

Horton faz uma triagem histórica da tese de Harnack,<sup>47</sup> passando pela neo-ortodoxia pela versão da teologia bíblica, especialmente com G. E. Wright.<sup>48</sup> A influência filosófica de Wright pode ser percebida pelo conflito existente, para Wright, entre a teologia bíblica e sistemática. Posteriormente, isso vem pelas mãos de Karl Barth e Emmil Brunner.

O problema de teístas abertos como Clark Pinnock é que, embora exijam ser bíblicos, eles não têm a Escritura como única fonte normativa. A esse respeito Pinnock escreve: “[...]como um teísta aberto, eu estou interessado em autores tais como Hegel, Pierre Teilhard de Chardin e Whitehead porque eles abrem espaço no pensamento deles às idéias como mudança, encarnação e sofrimento divino [...]”.<sup>49</sup>

A ortodoxia reformada, ao contrário dos neoteístas, entendeu, por exemplo, o relacionamento Criador-criatura nos termos da aliança mesmo no nível ontológico, o que implicou em similaridades e diferenças. Isso pode ser visto nos aspectos da: a) transcendência e imanência, b) distinção entre revelado-escondido, c) distinções entre decretos eternos e sua execução temporária e arquetípico-ectypal. Nessa última, é possível perceber que o conhecimento de Deus é diferente do conhecimento do homem, quantitativa

---

<sup>45</sup>HORTON M. *Hellenistic or Hebraic?* p. 317-341.

<sup>46</sup>Os socinianos iniciaram com Laélio e Fausto Socínio. Esses dois desviaram-se dos ideais do protestantismo, lançando raízes na Polônia, organizando em 1556, a Igreja Reformada Menor da Polônia. Mantinham uma faculdade e uma publicadora em Racov de onde suas idéias foram disseminadas. O documento isolado mais importante foi o *Catecismo Racoviano*, publicado em 1605. Em suas doutrinas esboçavam: a) ênfase na humanidade de Cristo em detrimento da sua deidade, b) rejeição: - da doutrina trinitariana do credo Niceno; - da predestinação; - do pecado original; - da expiação por substituição penal e a justificação pela fé, c) defenderam uma espécie de salvação pelas obras, d) demonstraram afinidades com o arianismo, pelagianismo e o cristianismo humanista de Erasmo de Roterdã. Em 1638, o movimento foi suprimido em Racov, e em 1658, em toda a Polônia. Esse movimento tornou-se uma espécie de precursor do unitarismo. Em 1774, foi formada a primeira igreja unitária ou sociniana, exatamente de adeptos que vieram da Polônia (exilados da Polónia para Holanda e da Holanda para a Inglaterra).

<sup>47</sup>Para mais críticas às origens do sistema teológico dos neoteístas ver também GEORGE T., *A Transcendence-Starved Deity*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/06.

<sup>48</sup>Em Wright, o Deus da teologia sistemática era uma deidade estática, e o Deus da teologia bíblica sempre em movimento ou não estático.

<sup>49</sup>PINNOCK C., *Most Moved Mover*, p. 326.

e qualitativamente, Rm. 11.34, Is. 55.8 e Ec. 5.2. Fato esse negado pelos neoteístas.

O problema perceptível dos neoteístas<sup>50</sup> é a absorção exclusiva da linguagem unívoca.<sup>51</sup> Isso é diferente da linguagem equívoca como marca da hiper-transcendência e ceticismo encontrados em Kant e da linguagem analógica que assume as diferenças e similaridades, encontradas nos reformados.<sup>52</sup>

A dificuldade epistemológica da linguagem unívoca em que caíram os neoteístas reside na falha em observar o ensino da linguagem analógica. Na linguagem analógica existem similaridades e diferenças quando a mesma palavra é aplicada para o ser criado e o não criado.

Antes da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino e Mascall's (existência e analogia) Saint Hilary de Poitiers, do quarto século, enfatizou corretamente que as palavras humanas estão sujeitas a Deus, preferencialmente, do que Deus sujeito às palavras humanas.<sup>53</sup>

A mente humana não deve medir a natureza divina pela sua limitação própria. A razão da falha dos autores, da abertura de Deus, em negar a infinitude de Deus em quase todos os seus atributos é que eles falham em ouvir Hilary e toda a tradição ortodoxa cristã.<sup>54</sup> É a razão humana que deve ajustar-se a Deus e não o contrário.

A analogia provê um paradigma, no qual, ambas as linguagens podem ser seriamente afirmadas sem resolver o mistério com um falso dilema. Isso demonstra que tanto o hiper-calvinismo quanto os neoteístas são aparentemente impacientes ante a face do mistério. Após a tentativa de negociar a soberania divina e a responsabilidade humana, o próximo passo é negociar a onipresença.<sup>55</sup> Essas são apenas algumas considerações que testificam a falácia da acusação de que os teístas clássicos são totalmente ou mesmo ingenuamente influenciados pela filosofia. O cristianismo não encontra na filosofia, mas nas Escrituras do AT as suas raízes históricas.

---

<sup>50</sup>Para mais artigos críticos do *Open Theism* ver FRAME J., *Open Theism*, Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em 26/06/06; FRAME J., *Foreknowledge of God & Open Theism*, Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em 26/06/06; DUNCAN L., *Openness of God Controversy*, Disponível em: <<http://www.reformation21.org>>. Acesso em: 26/06/06; FRAME J., *Open Theism and Divine Foreknowledge*, Disponível em: <<http://www.frame-poythress.org>>. Acesso em: 26/06/06; GEORGE T., *What God Knows*, Disponível em: <<http://www.firstthings.com>>. Acesso em: 26/06/06.

<sup>51</sup>Uma marca da hiper-imanência e do racionalismo. Na linguagem unívoca uma palavra deve significar para Deus a mesma coisa que significa para o homem. KELLY D. F., *Afraid of Infinitude*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/06.

<sup>52</sup>HORTON, *op. cit.*, p. 317-341.

<sup>53</sup>KELLY, *Afraid of Infinitude*.

<sup>54</sup>*Ibidem*.

<sup>55</sup>HORTON, *op. cit.*, p. 317-341.

## Considerações finais

Ao analisar as questões introdutórias oriundas do teísmo aberto percebem-se as deficiências iniciais e nem tão novas assim de suas objeções ao teísmo clássico. Percebe-se que as acusações ora levantadas pelo teísmo aberto são reargumentações de Harnack ao teísmo clássico.

Entre as fraquezas apresentadas, pode-se depreender que Sanders incorreu no erro de generalização a respeito das supostas apropriações do teísmo clássico a conceitos filosóficos como o da impassibilidade divina. Sanders erra ao não entender que o Antigo Testamento não estava debaixo da influência filosófica grega, mesmo que esta última tenha exercido grande influência sobre a sociedade de seu tempo.

Uma das dificuldades de Sanders, vista no presente trabalho, é quanto ao método hermenêutico. O helenismo é que influenciou a hermenêutica neoteísta corroborando para a formação inconsistente do conceito de unidade e uniformidade absoluta levando a uma interpretação arbitrária e equivocada de textos bíblicos como Êxodo 3.14 e Apocalipse 1.4.

Um outro erro dos neoteístas, apreendido até aqui, é o uso de uma interpretação literalista da linguagem. Isso é nada mais que uma repetição do mesmo erro acontecido com os dispensacionalistas.

Uma das dificuldades, mais destacável, é a utilização de 1 João 4.8 como viés interpretativo dos demais atributos divinos e a priorização de textos narrativos em detrimento de outros que se encontram em outros gêneros literários.

O erro da utilização da *analogia fidei* conduziu Sanders, e sua escola representada, a abusos. Sem contar com o uso desequilibrado do AT em detrimento do NT, levando a uma utilização não harmônica das Escrituras como por exemplo: o uso de Gênesis 22.12 e a falta de uso de outro texto do mesmo autor e no mesmo livro, no caso, Gênesis 18.14 e 50.20. Para completar, a absorção exclusiva da linguagem unívoca e o descarte automático da linguagem analógica e equívoca demonstra claramente fraqueza epistemológica do respectivo movimento.

Tudo isso só trouxe a lume as implicações de se assumir os pressupostos propostos por Sanders e os neoteístas, dentre eles: a desconsideração da infalibilidade e inerrância das Escrituras, b) a negação da morte vicária ou substitutiva de Cristo, c) o descarte do temor a Deus como algo fundamental para o sadio exercício da espiritualidade cristã, d) a suposta autolimitação divina conduziria o homem a uma vida de riscos absurdos fazendo Deus ser governado pelo ser humano, ou, no mínimo, indigno de confiança quanto a assuntos escatológicos por exemplo, e) a queda dos absolutos...

Um dos problemas sérios dos neoteístas para a sua análise do teísmo clássico foi a desconsideração de obras importantes de Lutero demonstrando assim um parco e lamentável conhecimento dos escritos publicados dos

reformadores, como também, a recusa em ouvir Sant Hilary de Poitiers a respeito da sua correta ênfase no fato de que as palavras humanas estão sujeitas a Deus, preferencialmente, do que o contrário.

Isso tudo, ainda que visto de forma abreviada, serve para demonstrar que o teísmo clássico não está tão destituído assim de raízes bíblicas, teológicas e filosóficas de forma harmônica. A linguagem filosófica helenista não exerce tanta influência assim sobre o cristianismo tradicional como querem os neoteístas. Tudo isso apenas aponta para a consistência da mensagem cristã como tem sido feita ao longo dos séculos pelo teísmo clássico.

## Referências

AGOSTINHO, S. *A trindade*, 2. ed. Paulus, 1995.

CALVINO, J. *1 Coríntios*, São Paulo: Paráclitos, 1996.

\_\_\_\_\_. *As institutas*, São Paulo: CEP, vol. I, 1985.

\_\_\_\_\_. *As institutas*, São Paulo: CEP, vol. IV, 1989.

CAMPOS, H. *A pessoa de Cristo: as duas naturezas do redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Teísmo aberto: um ensaio introdutório*. São Paulo: Fides Reformata, vol. IX, nº 2, 2004.

DUNCAN, L. *Openness of God controversy*, Disponível em: <<http://www.reformation21.org>>. Acesso em: 26/06/2006.

FRAME, J. *Foreknowledge of God & open theism*, Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 26/06/2006.

\_\_\_\_\_. *Open Theism and Divine Foreknowledge*, Disponível em: <<http://www.frame-poythress.org>>. Acesso em: 26/06/2006.

\_\_\_\_\_. *Open Theism*, Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 26/06/2006.

GEORGE, T. *A Transcendence-Starved Deity*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em 26/06/ 2006.

\_\_\_\_\_. *What God Knows*, Disponível em: <<http://www.firstthings.com>>. Acesso em: 26/06/2006.

\_\_\_\_\_. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GERALDO, J. *Graça comum em Calvino: um estudo introdutório*. Maringá: CESUMAR, 2006.

- HOOYKAAS, R. *A Religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. UnB, 1988.
- HORTON, M. *Journal of the evangelical theological society*. <[http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3817/is\\_200206/ai\\_n9124437](http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3817/is_200206/ai_n9124437)>. Acesso em 06/12.
- DUNN, J. *The new perspective on Paul e Paul and the Mosaic Law*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000.
- KELLY, D. F. *Afraid of Infinitude*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/2006.
- LANE, A. N. S. *John Calvin: student of the church fathers*. Grand Rapids, Mi: Baker Books, 1999.
- LOPES, A. N. *A Bíblia e seus intérpretes*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Temas teológicos do NT: teologia paulina*. São Paulo: CPAJ (Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, 2004.
- MCGRATH, A. E. *Whatever Happened to Luther?*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/2006.
- MONDIN, B. *Curso de filosofia*. 8. ed. São Paulo: Paulus, vol. 1, 1982.
- OLSON, R. *Has God Been Held Hostage by Philosophy?*, Disponível em: <<http://www.christianitytoday.com>>. Acesso em: 26/06/2006.
- \_\_\_\_\_. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- PINNOCK, C. H. *Most moved mover: a theology of God's openness*. Baker Academic: Grand Rapids, 2001, 224p.
- \_\_\_\_\_. *The grace of God, the will of man: a case for arminianism*, Grand Rapids: Zondervan, 1985.
- SANDERS, J. *Historical considerations*, In: PINNOCK, C. H., *The openness of God*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Paulo, a lei e o povo judeu*, São Paulo: Paulus, 1990.
- SCHAEFFER, F. *O Deus que se revela: contra o silêncio e desespero do homem moderno, podemos de fato conhecer o Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- THOMAS, R. L. *The Hermeneutics of "Open Theism"*, Disponível em: <<http://www.ondctrine.com>>. Acesso em: 26/06/2006.

TODD, W. N. *The Function of the patristic writings in the thought of John Calvin*. New York: Union Theological Seminary ThD thesis, 1964.

WALLACE, R. *Calvino, Genebra e a reforma: um estudo sobre Calvino como um reformador social, clérigo, pastor e teólogo*. Cultura Cristã, 2003.